

EXTRA-CLASSE

Núcleo desenvolve ações educativas contra a discriminação racial

A discussão sobre o racismo toma uma nova proporção no Brasil. A sociedade está reconhecendo que esse assunto deve ser debatido nos diversos setores e se mobiliza para que o preconceito seja revertido com medidas efetivas que combatam esse problema. Em 2003 foi implementada a lei 10.639/03 e a partir dela foram tomadas uma série de atitudes em favor do negro. A principal medida legal determina que se ensine a cultura e a história de africanos e de afro-brasileiros nas escolas do país. O problema é que os professores dos ensinos fundamental e médio são provenientes da Universidade, instituição que ainda é deficitária em relação ao conhecimento sobre as questões da negritude.

Com o objetivo de apoiar os projetos que tratam da questão racial na UFSM e também defender Ações Afirmativas desenvolvidas em Santa Maria e Região foi fundado, em 2003, o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB), coordenado pela professora Carmen Deleacil Ribeiro Nassar, do departamento de Letras Estrangeiras e Modernas. No Brasil, há NEAB's distribuídos nas universidades federais, com a intenção de formar, entre outras coisas, um centro de referência que articule e promova atividades relacionadas ao combate ao preconceito racial; à aceitação da identidade e à adoção de políticas de acesso aos direitos humanos.

A UFSM fundou o primeiro núcleo entre as universidades federais do Rio Grande do Sul. Através dele são desenvolvidas atividades que buscam o fortalecimento da identidade e de direitos, a consciência política e histórica da diversidade e ações educativas de combate ao racismo e às discriminações. O *Projeto Raízes*, por exemplo, capacitou professores de uma escola estadual de ensino fundamental a trabalhar com problemas raciais e ofereceu às crianças (70% afro-descendentes) atividades como peças de teatro contando a vida de *Zumbi* e palestras, além do *Seminário Internacional: Negritude na Escola*, que cumpriu a função de expor aos professores da 8ª Coordenadoria Regional de Educação o que prevê a lei executada pelo governo Lula.

Os problemas sociais e econômicos do negro derivam de um processo histórico ainda bastante presente no Brasil. “Qual foi a herança deixada para o negro?”, questiona a coordenadora do NEAB, Carmen Nassar. Ela mesma responde: “A rua”. Carmen analisa que o fato de o negro não herdar nada não é o único agravante, mas sim, o que mais tem efeito devastador, que é o racismo, pois este gera um problema



Valmir e Carmem, na sala do Núcleo de Estudos Afro, na UFSM

bem maior. “Imagine uma criança negra em aula, ouvindo a sua história de submissão”. Isso é ensinado na escola, não há heróis negros. Para a educadora, os professores de hoje são frutos de uma educação que não se importou em abordar a questão do racismo. “Essa lei, assinada pelo (presidente) Lula, veio para questionar esse tipo de história que ainda é contada”.

Através do núcleo, a professora Carmen Nassar diz ter conquistado a oferta da Disciplina Complementar de Graduação (DCG) 'Relações étnico-raciais e educação' no departamento de Letras Estrangeira e Modernas. Na sala dela, no terceiro andar do Centro de Educação, está situada a sede do NEAB da UFSM, que é composto também pelo técnico-administrativo Valmir Martins Torres, a técnica-administrativa Vânia Maria Souza Paulon, acadêmicos da UFSM e representantes do Movimento Negro de Santa Maria e da Região.

Números

As estatísticas colhidas no ano passado pelo NEAB revelam a disparidade de etnias entre os docentes da UFSM. Em um universo de 1.148 docentes, 2 se declararam pretos, 4 amarelos, 11 pardos, 2 indígenas e 2 não declarados. No nível dos técnico-administrativos, a diferença entre funcionários negros e brancos se reduz um pouco. Constatou-se 2.359 brancos, 71 pretos, 6 amarelos, 70 pardos e 3 indígenas.

REINALDO PEDROSO



Carmem Nassar solta o verbo

Os argumentos de Carmem

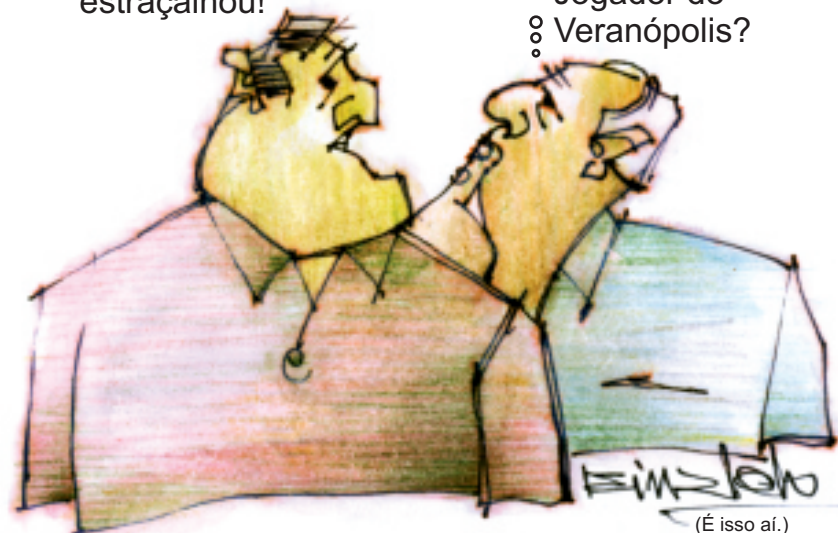
“Os negros sempre se rebelaram. A escravidão nunca foi passiva e o movimento negro começou naquela época. No século 19, o Brasil sofreu um processo de 'branqueamento', a partir de um pensamento europeu de que existiam raças superiores e a miscigenação do branco com negros estragava a raça”.

“Os intelectuais da época pregavam que com a vinda de mais brancos para o Brasil, poderia exterminar a raça negra. Com esse objetivo começou a colonização de europeus para o país. Uma comunidade negra dos Estados Unidos solicitou permissão para vir para o Brasil e foi negada. Nos jornais, havia depoimentos de pessoas indignadas com a possibilidade de entrar mais negros no Brasil”.

“Essa cultura instaurou na sociedade a idéia de que quanto mais branco melhor. O próprio negro tentava embranquecer. Aquele que não ficou branco na pele ficou na maneira de pensar. Hoje em dia se diz que o negro é preconceituoso contra o próprio negro. A partir dos anos 70 e 80 o Movimento Negro teve maior visibilidade. E com este trabalho junto às comunidades, as pessoas começaram a assumir a sua negritude”.

- João Hélio
estragalhou!

- João Hélio,
João Hélio...
Jogador do
Veranópolis?



(É isso aí.)